

DÍZIMO E AÇÃO MISSIONÁRIA NA GUINÉ-BISSAU

Entrevista com Dom Pedro Carlos Zilli

Bispo de Bafatá, Guiné-Bissau/África

1 Dom Pedro, a Itepa Faculdades busca ouvir e seguir com fidelidade os apelos do Papa Francisco que, constantemente, conclama as comunidades da Igreja Católica para que “se esforcem por atuar com os meios necessários para poder avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária”. E uma das formas da conversão pastoral e missionária passa pelo sentido de pertença e de cuidado para com a comunidade cristã que se estabelece, necessariamente, pela contribuição do dízimo. Certamente, em sua missão na Guiné-Bissau, os recursos advindos da ação pastoral do dízimo, minimizam, de alguma maneira, as dificuldades e contribuem para o avanço da ação missionária. Como o Sr. está, há diversos anos, nessa terra africana, poderia nos dizer algo sobre sua vida e missão e sobre o modo de implantação e desenvolvimento Pastoral do dízimo em sua Diocese?

Dom Pedro - Nasci em Santa Cruz do Rio Pardo/SP no dia 07 de outubro de 1954; fui ordenado sacerdote do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME) no dia 05 de janeiro de 1985 e Bispo de Bafatá, Guiné-Bissau, no dia 30 de junho de 2001. Tanto a ordenação sacerdotal como a episcopal foram feitas em Ibiporã/PR.

2 Há quantos anos o Senhor atua na Guiné-Bissau? Quais são as marcas deste compromisso missionário?

Dom Pedro - Cheguei na Guiné, com mais dois coirmãos brasileiros, no dia 23 de julho de 1985, tendo saído do Brasil no dia 16 abril, apenas 3 meses e 11 dias após à ordenação sacerdotal. Estava na *lua-de-mel sacerdotal*. Fiquei 3 meses na Itália, conhecendo as casas do PIME, Instituto ao qual pertencço.

Era a primeira vez que saía do Brasil e a saudade batia forte no coração. Até chorei umas vezes! Havia saído da pátria, da família, estava bem na Itália, mas ainda não tinha chegado ao destino final: a Guiné-Bissau. Quando já conseguia me expressar um pouco na língua italiana, fui falar com o Pe. Felice Cazzaniga - PIME, falecido em 1988. Confiei-lhe as minhas saudades e dores e o medo do desconhecido: *o que é que eu vou fazer na Guiné Bissau? Como é que vai ser a minha vida por lá?*, perguntei-lhe. Falei-lhe da situação que me esperava, pois diziam que não havia nada para comprar e que até havia conseguido umas pastas dentais com a convicção de que quando acabassem, escovaria os dentes com carvão. Pe. Felice, depois de ouvir-me, disse-me, sorrindo, algo que nunca mais esqueci e que me faz muito bem, ainda hoje: *se Deus te chamou para ser missionário na Guiné-Bissau, podes ter certeza de que Ele te dará 'la grazia del posto' (a graça do lugar)*. É isto que tem acontecido nestes 33 anos, com um intervalo de 3 anos e meio - fevereiro de 1998 a agosto de 2001- em parte vividos na Itália, no Estados Unidos e no Seminário do PIME no Brasil. Estes 33 anos, em meio a todas as dificuldades, foram muito bons. Tão bons que até passaram rápido demais. Nestes anos, fui descobrindo, com o coração, que Deus dá ao missionário *a graça do lugar* e não o abandona nunca. Confortam-me muito as palavras de Jesus inscritas no Evangelho de São Mateus: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos!” (Mt 28,19-20).

3 Como o Senhor descreve o povo da sua Diocese. Quais os maiores desafios?

Dom Pedro - A Diocese de Bafatá foi criada em 13 de março de 2001, por São João Paulo II, separando-a da de Bissau, tornando-se, deste modo, a segunda Diocese do País.

No mesmo dia fui nomeado para seu primeiro bispo. É constituída pela zona Leste e Sul do País, cobrindo uma superfície de 24.635 Km² - dois terços do país - e conta com cerca de 600.000 habitantes. As maiores etnias presentes são balanta, fula, mandinga, biafada e nalú, enquanto a religião dominante é a muçulmana. O povo da Diocese de Bafatá, como em toda Guiné-Bissau tem passado por inúmeros desafios. Podemos enumerar alguns. Há o desafio cultural: as culturas guardam em si uma grande riqueza; ao mesmo tempo, estas mesmas culturas, em vários aspectos, não contribuem para o desenvolvimento econômico e social; há o desafio político: nossa democracia é ainda muito frágil; as instituições funcionam com dificuldades; há o desafio econômico: o país é pobre e não consegue possibilitar o mínimo essencial aos seus cidadãos; o aspecto religioso também é um desafio. A busca da paz, do espírito democrático, do bem comum, da reconciliação e do desenvolvimento são outros desafios. Falando em paz e reconciliação, partilho com os leitores as palavras do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal do Senegal, Mauritânia, Cabo Verde e Guiné-Bissau, por ocasião da visita *Ad Limina Apostolorum*", no dia 10 de novembro de 2014: "Sei que trabalhais com perseverança, nomeadamente no Senegal e na Guiné-Bissau, pela paz e a reconciliação, o que me deixa muito feliz; a minha oração vos acompanha nestes esforços".

4. Como está a caminhada evangelizadora na Diocese de Bafatá? Quais são os principais desafios no que se refere ao aspecto religioso?

Dom Pedro - O povo africano é religioso. Na Guiné-Bissau e em toda a África, o sentimento religioso é muito forte. Um meu amigo muçulmano costuma dizer que *sem a religião o mundo explode*. O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica "Africae Munus", no número 13, diz:

Um tesouro precioso está presente na alma da África, onde vislumbro um imenso ‘pulmão’ espiritual para uma humanidade que se apresenta em crise de fé e de esperança...Entretanto, para se manter de pé com dignidade, a África tem necessidade de ouvir a voz de Cristo que, hoje, proclama o amor pelo outro, incluindo o inimigo, até ao dom da própria vida e que, hoje, reza pela unidade e a comunhão de todos os homens em Deus (cf. Jo 17,20-21).

As estatísticas divergem muito entre si. No entanto, parece-me que os dados a seguir dão uma boa ideia dos números religiosos na Guiné-Bissau: Religião Tradicional Africana (chamada antigamente de animismo) 44,9%; Islamismo 41,9%. São povos que creem em Deus, mas não chegaram, ainda não alcançaram a graça do encontro com Cristo. Retomemos as palavras do Papa Bento XVI na citação acima: “Entretanto, para se manter de pé com dignidade, a África tem necessidade de ouvir a voz de Cristo...”

Os 11,9% de cristãos são provenientes da Religião Tradicional Africana. Procuram viver seriamente a fé em Cristo, seguir bem no *caminho novo*, como costumamos dizer. Pessoalmente, eu gosto de citar as palavras de São Paulo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova” (2Cor 5,17).

Não nos faltam, porém, desafios. Escutemos o que o Papa Bento XVI disse aos Bispos da nossa Conferência Episcopal do Senegal, Cabo-Verde, Mauritània e Guiné-Bissau, no dia 20 de fevereiro de 2006 por ocasião da Visita ad Limina Apostolorum:

...o Evangelho deve ser plenamente enraizado na cultura dos vossos povos. O retorno a certas práticas da religião tradicional, que por vezes constatais entre os cristãos, deve levar a procurar os instrumentos apropriados para reavivar e fortalecer a fé à luz do Evangelho e para consolidar os fundamentos teológicos das vossas Igrejas particulares, aproveitando ao mesmo tempo o melhor da identidade africana.

5 Como o senhor sente o compromisso missionário das outras Igrejas em relação à Guiné Bissau e a Diocese de Bafatá?

Dom Pedro - Quando cheguei na Guiné-Bissau, como sacerdote missionário do PIME, havia somente dois sacerdotes diocesanos na Diocese de Bissau e esta cobria todo o território nacional. Os consagrados - sacerdotes, religiosos e religiosas - eram provenientes da Europa, sobretudo da Itália. Traziam consigo uma marca importante: um grande espírito missionário para estender por todo o país a presença da Igreja. Traziam igualmente ajudas econômicas oferecidas pelas suas congregações, dioceses, paróquias, grupos missionários, amigos e benfeitores.

Mais tarde, depois da criação de Diocese de Bissau, em 1977, chegaram missionários da América Latina, com um bom grupo de irmãs e alguns sacerdotes brasileiros, favorecidos pela língua portuguesa. Chegaram também da África e da Ásia. Estes homens e mulheres de Deus, vindos da Europa, América Latina, África e Ásia eram chamados carinhosamente de *pessoal missionário*. Cada um deles, enfrentando todas as dificuldades de inserção no novo ambiente, trazia consigo a riqueza de seus países e de suas Igrejas.

Atualmente, os sacerdotes, as consagradas guineenses são um bom grupo; os catequistas, as famílias, a comissões pastorais, as atividades sociais na Educação e na Saúde estão em continuo aumento. A Diocese de Bafatá, criada em 2001, é um sinal importante deste crescimento. Ao mesmo tempo, está colaborando para este mesmo crescimento.

Como em toda a África, na Guiné aumenta o número de agentes pastorais, de estruturas para a pastoral e para a atividade social. Não aumentam os recursos econômicos internos para se poder levar à frente todo este movimento eclesial suscitado pelo Senhor. Os missionários continuam chegando no País e com

eles, as ajudas econômicas. São duas bênçãos divinas: os recursos humanos e econômicos.

6 Enquanto bispo brasileiro em missão na Diocese de Bafatá percebe a dimensão da comunhão e solidariedade de parte da Igreja do Brasil?

Dom Pedro - Como seminarista do PIME, nos anos 70 e 80, eu ouvia os missionários dizerem que o Instituto tinha que ajudar a Igreja do Brasil na sua abertura à missão além-fronteiras, em outros países e continentes. Parecia-me compreender que a animação missionária estava nas mãos dos Institutos e Congregações Missionárias. Quando cheguei na Guiné-Bissau, a Igreja do Brasil não estava presente como está agora. Quando eu falava sobre a missão na África, tudo parecia muito distante, quase estranho. Hoje, graças a Deus e a uma mais intensa animação missionária, sacerdotes, consagrados e leigos nos visitam, colocam sua profissão a serviço dos mais necessitados, enviam ofertas, medicamentos, ajudam estudantes, seminaristas na sua formação; dioceses enviam missionários por semanas e por mais tempo; os Institutos e Congregações continuam enviando seus missionários; as “Novas Comunidades” são uma realidade; a presença do Regional Sul 2 - arquidioceses e dioceses do Paraná - em Quebo, é algo que indica nova possibilidade à missão da Igreja; a Pastoral da Criança tem sido uma bênção na luta contra a desnutrição materno-infantil; nisto tudo, o Projeto de Solidariedade entre a Igreja do Brasil e a da Guiné-Bissau, com o envio de professores brasileiros para a formação dos nossos futuros sacerdotes tem ido à frente desde 2004.

7 O Senhor considera importante o trabalho com a Pastoral do Dízimo nas comunidades?

Dom Pedro - Na Guiné-Bissau, nós enfrentamos algumas dificuldades para a implantação da Pastoral do Dízimo: o País é muito pobre e, por conseguinte, as comunidades cristãs também o são; exceto na capital Bissau e em algumas cidades do

País, onde as comunidades são mais numerosas. No interior elas são muito pequenas. Além disso, a maioria delas está no início da caminhada como cristãos da primeira geração. Há também a questão, segundo a qual, espera-se muito da ajuda que vem de fora; e por fim, temos que considerar que o egoísmo faz parte do ser humano em geral.

Não obstante tudo, a Pastoral do Dízimo está implantada, tanto na Diocese de Bissau, como na de Bafatá. Para além dos resultados econômicos, a Pastoral do Dízimo ajuda os cristãos a compreenderem sua responsabilidade na Igreja. Para seu bom êxito, temos sublinhado alguns aspectos fundamentais: importância do apoio dos Párocos; importância da responsabilização dos leigos; importância de uma gestão correta para que o dizimista saiba que o seu contributo está a ser bem aplicado (“gestão transparente”); lá onde ainda não teve início, faz-se uma pré-campanha de sensibilização antes de se iniciar a recolha dos contributos.

8 Existe organização quanto à Pastoral do Dízimo? Como está o processo na Diocese de Bafatá?

Dom Pedro - No final de junho e início de julho de 2013, a Igreja da Guiné-Bissau teve a alegria de receber a visita do Sr. Antoninho Tatto do Movimento para Evangelização e Ação de Comunidade - MEAC. Ele veio do Brasil com o objetivo de ajudar os católicos guineenses a compreender, com mais profundidade, a importância da Pastoral do Dízimo, fundamentada na confiança no Deus providente.

A partir da sua visita, nas duas dioceses - Bissau e Bafatá - foi criado MEAC/Guiné-Bissau - Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades/Guiné-Bissau, com suas finalidades principais: a formação de leigos na vivência do espírito missionário, integrados na Pastoral da Igreja local, dedicados à evangelização, anunciadores da mensagem de Cristo; promotores do aperfeiçoamento humano-espiritual do povo e seus membros.

9 Como o Senhor compreende o dízimo no seu aspecto missionário?

Dom Pedro - Na Guiné-Bissau, estamos num ambiente do Primeiro Anúncio do Evangelho. Pela evangelização, educação e saúde, a Igreja guineense tem manifestado o seu amor aos irmãos. Graças a Deus, um significativo grupo de pessoas, sobretudo jovens, está fazendo um bom caminho na fé cristã. Sinto-me feliz por estar participando desta caminhada eclesial.

Quando, no Brasil, na Itália ou noutro País, alguém me entrega uma oferta, dizendo *é para sua missão na Diocese*, eu vejo nesta atitude um desejo de participar da *minha* missão. Vejo que o oferente crê na importância da missão que o Senhor me confiou. Há quem diga: *gostaria de ser um missionário na África, para viver com os irmãos africanos, aprender com eles muitas coisas, ensinar-lhes tantas outras e, sobretudo, partilhar com eles, o amor a Jesus. No entanto, eu não consigo realizar tudo isto. Rezo pela tua missão, e dou esta oferta para ajudar no seu dia a dia missionário*. Percebo nesta pessoa a vivência de um lindo espírito missionário.

Tive muito gosto de ouvir alguém dizer *que quanto mais uma comunidade é dizimista tanto mais é missionária*. É gratificante ver que os cristãos vão se mobilizando, de vários modos, para ajudar a Igreja na Guiné a gerar recursos econômicos para a gestão de suas necessidades mais fundamentais! Um exemplo desta necessidade é a subsistência dos sacerdotes nas paróquias, um mínimo para a formação dos futuros sacerdotes. O dízimo, com toda a sua fundamentação bíblica, é um destes importantes recursos

O dízimo, na sua dimensão missionária, faz com que o cristão, que é missionário pela força do seu batismo, participe ainda mais da obra de evangelização da Igreja, na sua terra e em todo o mundo.